

Sexualidade e Identidade na Historiografia Brasileira dos anos vinte e trinta

MARGARETH RAGO
IFCH-UNICAMP

A preocupação em "inventar o Brasil", isto é, em descobrir as supostas raízes históricas do país, contidas na linha de continuidade dos eventos históricos, unindo presente e passado, encadeando os processos sociais, políticos e culturais marcou o horizonte de muitos intelectuais brasileiros, entre os anos vinte e trinta.¹ Envolvidos com a tarefa de determinar futuros possíveis, de encontrar as formas de superação dos obstáculos ao desenvolvimento social e econômico, perguntaram-se pelos traços que marcaram a cultura nacional, pelas características essenciais do "povo brasileiro", pelo passado que o havia constituído como tal. "*Que país é este?*" foi a questão a que procuraram responder em termos das interpretações das origens históricas do Brasil, da colonização à contemporaneidade. "*Que país queremos que seja?*" tem sido a pergunta colocada desde então, retomada em sucessivas ocasiões, inclusive agora, na era da globalização, em que se desfazem as antigas referências nacionais.

Se hoje os conceitos de nação, Estado-nação, consciência nacional envelheceram e são insuficientes para dar conta das realidades políticas, naquele instante pareciam extremamente férteis para representar a "comunidade imaginada" e desejada pelas elites intelectualizadas.² Se hoje, para a maioria das pessoas, como lembra Eric Hobsbawm, a identificação nacional não exclui outras formas de identificação que constituem o ser social, como a religiosa, a sexual, a étnica, naquele momento significava a possibilidade de encontrar um forte laço comum, a partir do qual as dificuldades sociais poderiam ser problematizadas e possíveis soluções aventadas.³

As reflexões de Pierre Nora a respeito das relações entre memória e história sugerem que as constantes desterritorializações a que somos expostos

cotidianamente têm abalado tão profundamente o sentimento de pertencimento a um grupo fixo, como a Nação, que necessitamos de outros operadores conceituais para a compreensão do presente, para nos situarmos no mundo e, também, para reorganizarmos nosso espaço interno, delimitando a constituição de novas subjetividades fugazes e mutantes, antes impensáveis.⁴ Poucos ainda acreditam haver um só Brasil, e diante de tanta multiplicidade e expansão territorial, inclusive a desejante, cada vez mais procuramos nos localizar a partir de referências específicas, flexíveis e provisórias.

Para aquela geração, no entanto, as questões se colocavam de outro modo. Fundamentalmente, tratava-se de definir sua suposta identidade cultural, encontrando os pontos fixos, ou a tão prestigiada "essência", oculta nas profundezas da terra e da psique. Tratava-se de compreender o passado para transformar o presente e, para tanto, libertar-se de um fardo, romper com as pesadas tradições que emperravam o progresso e entrar no compasso da História. Tendo em vista produzir uma nova leitura da história nacional, leitura esta que legitimasse suas posições políticas e ideológicas, o leque de questões que esses intelectuais nacionalistas abriram tinha por objetivo detectar as raízes dos males que assolavam o Brasil, entender os problemas socio-econômicos tão violentos e gritantes da sociedade e, principalmente, analisar o que consideravam ser a incapacidade do povo brasileiro de construir uma Nação moderna, rica e poderosa, a exemplo dos Estados Unidos.

Quase todos esses intelectuais das elites davam especial ênfase à indole pacífica, acomodada, preguiçosa, imitativa do "povo brasileiro", retratado, no período, por outro conhecido escritor, Monteiro Lobato, como Jeca Tatu, figura das mais poderosas em nosso imaginário social. Buscando historicizar essa herança histórica, Sérgio Buarque de Holanda, por exemplo, perguntava-se por que a modernidade não se completara no país e quais eram os entraves à formação da esfera pública moderna. Visava, deste modo, perceber as linhas tendenciais de uma possível modernização transformadora, que pudesse igualar o país, ou, ao menos, aproximá-lo das fases de desenvolvimento dos povos mais adiantados.

A intelectualidade do período consagrou alguns dos trabalhos produzidos nessa época, como *Retrato do Brasil. Ensaio sobre a Tristeza Brasileira*, de Paulo Prado, publicado em 1928; *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre e *Evolução Política do Brasil*, de Caio Prado, de 1933; *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Hollanda, de 1936.⁵

Republicados incessantemente pelas gerações seguintes, amplamente elogiados e difundidos até o final dos anos sessenta, essas leituras históricas do passado formaram inúmeras gerações, moldaram a "consciência

nacional", tornando-se uma das principais referências acerca da identidade nacional, lentes através das quais os brasileiros/as passaram a se olhar e a reconhecer sua própria imagem. Erigidos como os cânones da cultura brasileira, foram definidos com as matrizes do pensamento social no Brasil, certamente menos por suas evidentes qualidades científicas, do que pelo regime discursivo de verdade que produziram e reforçaram, falando do lugar privilegiado da ciência.

Assim sendo, estas obras firmaram-se como aquelas que diziam "a verdade" do "povo brasileiro" e, assim, mantiveram-se inquestionáveis por várias décadas, enquanto outras interpretações produzidas no período caíram num total esquecimento. Vale lembrar que apenas a partir do final dos anos sessenta e inícios dos setenta, formulou-se uma crítica mais aguda aos estudos de Gilberto Freyre, de Sérgio Buarque de Holanda, ou mesmo ao marxista Caio Prado Junior, por sua vez, já crítico ferrenho das teses enunciadas pelos intelectuais contemporâneos do Partido Comunista, como Leôncio Basbaum ou Nelson Werneck Sodré. Ao mesmo tempo, outros autores do período passaram a ser descobertos e reavaliados, mais recentemente, a exemplo de Euclides da Cunha, Monteiro Lobato e Manoel Bonfim, para não me referir aos anarquistas e socialistas daquele momento histórico, ou às escritoras, como a libertária Maria Lacerda de Moura, ou a modernista Pagu (Patrícia Galvão), cujos livros continuam de difícil acesso.⁶

Hoje, ao se analisarem aquelas obras canonizadas pela academia brasileira, destaca-se um aspecto que passou totalmente despercebido tanto pelas leituras tradicionais apologéticas, quanto pela crítica da esquerda, que, não obstante, teve uma atitude bastante severa na reavaliação daqueles trabalhos, três décadas depois. Trata-se da dimensão que a **sexualidade** ocupa na construção dessas interpretações da realidade brasileira e, portanto, da idéia da identidade nacional. Em torno dela, produziu-se a referência maior das características que têm explicado o "povo brasileiro", sua índole e vocação, como observou, pela primeira vez, o antropólogo norte-americano Richard Parker, nos anos noventa.⁷ O desenvolvimento histórico que se observa ao longo de nossa história aparece, então, contido, em germe, em traços que se constituíram nos primórdios da colonização, nas relações primárias que se estabeleceram na "infância" do Brasil, quando chegaram os primeiros conquistadores e iniciou-se o processo de miscigenação racial, sendo doravante repostas interminavelmente.

As relações entre a cultura erótica e a ciência parecem ter sido sempre tensas e complicadas, não apenas no Brasil. Aliás, neste país talvez sejam até mais fáceis, comparado com os países de tradição puritana. O erótico permeia o cotidiano dos brasileiros, de norte a sul, das piadas aos jogos de sedução, das roupas aos comportamentos, nos escritórios, nas praças ou nos bares.

Séria, só mesmo a ciência, que alguém já chamou de cinza. Vive-se aí uma cultura e sociedade extremamente sexualizadas em todos os sentidos, inclusive no da violência, enquanto que a imagem da "sexualidade-tropical-do-sul-do-Ecuador" não deixa de ser muito estimulada pelas indústrias do turismo, na exportação das mulatas sensuais, do samba, do carnaval, do "tchan" e de tudo aquilo que é muito bem conhecido como o imaginário do "Brasil Tropical".

Já disse Sérgio Buarque que fomos colonizados por "aventureiros" mais do que por trabalhadores, pelos "semeadores" portugueses, que iniciaram a colonização respondendo à imediatez das situações, ao contrário dos "ladrihadores" espanhóis, preocupados em planejar as formas de sua empresa e ordenar o espaço urbano. Portadores de uma "concepção espaçosa do mundo", os colonizadores portugueses não viam limites para sua expansão desterritorializante e, diante da capacidade administrativa e da racionalidade dos rivais, recitavam com o padre Antonio Vieira: "*Não fez Deus o céu como um xadrez de estrelas...*".⁸ En fim, conclui o historiador: "*Somos ainda hoje uns desterrados em nossa própria terra*", propondo-se, então, a encontrar as "raízes do Brasil".⁹

Por tudo isso, chama a atenção o fato de que apenas recentemente os brasileiros passam a perceber a **centralidade conferida à sexualidade** no discurso dos intelectuais voltados para a interpretação científica da realidade e para a definição da identidade nacional ou, em outros termos, para a questão do enclausuramento do desejo na casa-grande-e-senzala. Recentemente, republicado numa bela edição, *Retrato do Brasil* recebeu várias páginas nos jornais e revistas da atualidade, sem contanto que se fizesse qualquer alusão à dimensão que irrompe vigorosamente do próprio texto: a sexualidade tropical, constitutiva da identidade nacional.

Mais recentemente, alguns historiadores, a exemplo de Ronaldo Vainfas, questionaram a imagem desregrada da Colônia, produzida pelos observadores dos primeiros séculos da Colonização e pelos intelectuais dos anos vinte/trinta, encontrando muitas regras, normas e formas de culpabilização, onde outros viram apenas caos e descompromisso. "*À fornicção tropical não faltaram, pois, normas bem rígidas. (. . .) Por mais sexualmente intoxicada que tenha sido a Colônia, como quer Gilberto Freyre, os valores da família, mescla da cultura popular e do discurso oficial se fizeram presentes*".¹⁰

Nos limites deste texto, porém, não se trata precisamente de decidir sobre a moralidade ou imoralidade historicamente constitutiva do país, mas de desconstruir as narrativas históricas produzidas e reproduzidas incessantemente, destacando a importância que o discurso da sexualidade assume na leitura que os brasileiros fazem de suas origens. Como observou Richard Parker, aliás, a noção da sexualidade, no Brasil, não está apenas presente na

percepção que cada indivíduo faz de sua existência, mas na auto-interpretção de toda a sociedade. "*Ei uma visão que se tornou cada vez mais acentuada em anos recentes nas histórias que os brasileiros escolheram para relatar sobre si próprios, como um povo.*"¹¹

A Tristeza Brasileira

Em seu ensaio inaugural de 1928, *Retrato do Brasil. Ensaio sobre a Tristeza do Brasil*, Paulo Prado procura explicar o Brasil, construindo um fiel retrato, como indica o próprio título.¹² Inicia definindo a principal característica do "povo brasileiro", comparado ao pássaro jaburu, na epígrafe de Capistrano de Abreu. Logo na primeira página, o autor afirma: "*Numa terra radiosa vive um povo triste*". Nas seguintes, explicita o significado da tristeza, que passa progressivamente a denominar, a partir de um vocabulário médico, de *melancolia*. Somos, então, informados de que melancolia é o estado físico e psíquico decorrente da *hiperestesia sexual*. De tantos excessos sexuais e vícios da multiplicação das "*uniões de pura animalidade*", desde os inícios da colonização no Brasil, os brasileiros se tornaram um povo triste, cansado, prostrado. A terra virgem, a mata abundante, os rios caudalosos, a natureza farta, o clima, "*o homem livre na solidão*", o encanto da nudez total das índias, posteriormente a presença das negras sensuais, tudo, na formação histórica do país, contribuiu para que os brasileiros se tornassem um povo mole, instintivo e sensual, dionisiaco, em comparação com os norte-americanos apolíneos.

"A história do Brasil é o desenvolvimento desordenado dessas obsessões subjugando o espírito e o corpo de suas vítimas. Para o erotismo exagerado contribuíram como cúmplices - já dissemos - três fatores: o clima, a terra, a mulher indígena ou a escrava africana. Na terra virgem tudo incitava ao culto do vício sexual... Desses excessos de vida sensual ficaram traços indelévels no caráter brasileiro. Os fenômenos de esgotamento não se limitam às funções sensoriais e vegetativas; estendem-se até o domínio da inteligência e dos sentimentos. Produzem no organismo perturbações somáticas e psíquicas, acompanhadas de profunda fadiga, que facilmente toma aspectos patológicos, indo do nojo até o ódio." (p. 120)

Em outra passagem afirma:

"No Brasil a tristeza sucedeu à intensa vida sexual do colono, desviada para as perversões eróticas, e de um fundo acentuadamente atávico." (p. 121)

"A hiperestesia sexual que vimos no correr deste ensaio ser traço peculiar ao desenvolvimento étnico da nossa terra, evitou a segregação do elemento africano, como se deu nos Estados Unidos, dominados pelos preconceitos das antipatias raciais. Aqui a luxúria e o desleixo social aproximaram e reuniram as raças." (p. 188)

Esse traço original, que marca definitivamente a cultura brasileira desde os primórdios da colonização, será responsável pela incapacidade atávica de evolução, pela não-realização da Modernidade brasileira. Ao contrário dos povos de origem puritana, como os norte-americanos, nos quais o lado racional e administrador é mais forte do que o instintivo, o Brasil não consegue romper com o passado arcaico, pesado, conservador e autoritário, que entrava sua marcha rumo ao Progresso.

É interessante lembrar que também de 1928 é a famosa obra do modernista Mário de Andrade, *Macunaíma. O herói sem nenhum caráter*, aliás, dedicada ao amigo Paulo Prado.¹³ O herói, ou anti-herói é um homem da natureza, como os nossos antigos habitantes, que se diverte todo o tempo "brincando com as cunhãs", ou prostitutas, que, por sua vez, se divertem e deliram todo o tempo. Não é à toa que até seu ingresso na civilização, sua entrada na moderna e barulhenta cidade de São Paulo e o contato repentino com as máquinas se fazem através de três lindas e alvas cunhãs, com quem ele passa a noite e para quem paga quatrocentos bangarotes.

"A inteligência do herói estava muito perturbada. As cunhãs rindo tinham ensinado pra ele que o sagüi-açu não era sagüim não, chamava elevador e era uma máquina. De manhãzinha ensinaram que todos aqueles piados berros cuquiadas sopros roncões esturros não eram nada disso não, eram mas cláxons campainhas apitos buzinas e tudo era máquina." (p. 32)

Assim, são as prostitutas, figuras da margem, que realizam a mediação entre universos opostos, fazendo a passagem do herói do reino da Natureza para o da Civilização, da terra verdejante para o mundo da técnica, sendo a mercantilização do sexo a primeira relação capitalista que vive o herói. Entre a história e a literatura, portanto, emerge um povo indolente, fraco e muito sexualizado, traço que indica seu grau de atraso cultural, o predomínio do lado instintivo sobre o racional, o que o torna, por sua vez, inadequado para construir a Modernidade, tornando-se um cidadão de Primeiro Mundo.

Vale perguntar porque a cultura sexual descrita por Prado seria origem da tristeza brasileira e não da alegria, como aparece em Mário de Andrade? É

verdade que o paulistano Prado é conhecido como membro da elite oligárquica decadente, representante de seu pessimismo em termos da avaliação do país, às vésperas das transformações políticas de 1930. Medo da degeneração da raça, do escurecimento em vez do embranquecimento populacional que tanto queriam, medo do predomínio do instinto sobre a razão, medo de uma "psyché racial" que predeterminaria os brasileiros ao fracasso.

Esta visão pessimista sobre o povo brasileiro parece assentar numa concepção altamente negativa da sexualidade que tem o próprio autor, para além de toda a influência do darwinismo social em sua obra. Afinal, o excesso de energia sexual, a abertura para o outro, a facilidade de contato físico, em princípio, poderiam não ser percebidos como fatores negativos na constituição de um povo. Aliás, ainda está para ser esclarecido por que o desejo sexual deveria ser o principal traço da "psyché nacional", questão que obviamente não incomodou os pensadores do século 19 e meados do século 20. Dando visibilidade à problemática, Michel Foucault afirma a necessidade de compreender por que a sexualidade se converteu, nas culturas cristãs, no "*sismógrafo de nossa subjetividade*". E completa:

"Eí um fato, um fato misterioso, que dentro desta espiral indefinida da verdade e da realidade, a própria sexualidade se tenha transformado de primeira importância desde os primeiros séculos de nossa era. Cada vez é mais importante. **Por que existe uma conexão tão íntima entre sexualidade, subjetividade e obrigação com a verdade?**"¹⁴

Como explicaria Richard Sennett, aluno do filósofo francês:

"Este valor psicológico tão pleno que se dá à sexualidade é um legado da sabedoria vitoriana, apesar do orgulho que possuímos de não partilhar seus preconceitos repressivos. A idéia de possuir uma identidade baseada em nossa própria sexualidade traz uma carga imensa a nossos sentimentos eróticos, uma carga que, para alguém do século XVIII, seria muito difícil de compreender." (idem)

Certamente, os intelectuais aqui focalizados basearam-se em importantes fontes documentais para construir suas interpretações históricas do passado nacional, e certamente os viajantes, inquisidores, colonizadores que produziram influentes representações imaginárias sobre o país, desde o século 16, além do olhar masculino, traziam toda a bagagem de preconceitos

culturais da Europa renascentista, através da qual codificaram as práticas sociais e sexuais, como mostrou Vainfas. Assim, enxergaram nas práticas sexuais dos indígenas todos os vícios que o cristianismo lhes ensinava ver. As índias nuas foram transformadas em "ninfomaníacas" e "devassas", segundo as classificações das "perversões sexuais" elaboradas pelo médico vienense Von Krafft-Ebing, em meados do século 19. As representações instituíram-se como fatos, e, apenas nas últimas décadas têm-se desconstruído essas imagens, entre misóginas e racistas, veiculadas pela documentação.¹⁵

Além disso, é possível afirmar que é o discurso médico não-citado, apenas referido, que constitui a matriz das interpretações científicas de Paulo Prado sobre o povo e a raça. Ora, sabe-se, desde Foucault, o quanto este discurso, instituidor das referências modernas sobre a sexualidade, é severo, moralista e sexista.¹⁶ Para os médicos do século passado, o desejo sexual era visto como força ameaçadora, vulcânica, destrutiva que deveria ser combatida e bem administrada pelo intelecto. Segundo o dr. Heredia de Sá, por exemplo:

"o homem sequioso do prazer venéreo sente-se atormentado por necessidade imperiosa, irresistível, uma excitação espantosa vivifica seu organismo, um fogo ardente abrasa seus órgãos, as artérias pulsam com excessiva força, os olhos incendeiam-se com brilho sobrenatural, sua face colora, sua respiração se torna anelante, as partes genitais se intumescem, se congestam e nelas se experimenta um sentimento de ardor e titilamento. O pensamento não tem mais força, a vontade não domina, todas as faculdades estão concentradas em a idéia fixa;(...)" (1845)

Ora, nem o índio, nem o negro, nem o "português aventureiro" que para cá vinha possuíam esta capacidade interior de auto-controle. Obcecados com a sexualidade, voyeuristas disfarçados, os homens da ciência não paravam de falar da sexualidade desde o século 19, principalmente para condená-la. Dissecaram o corpo da meretriz, do cafetão, do homossexual, "perverteram o sexo". Todas as práticas sexuais foram postas sob o signo do discurso científico, explicadas, analisadas, classificadas, contidas e condenadas. Mas, todas ganharam ampla visibilidade. Dir-se-ia que a ciência domou o sexo, com medo de ser dominada.¹⁷

Em relação à prostituição, por exemplo, o médico Francisco Ferraz de Macedo classificava as prostitutas que encontrava na cidade do Rio de Janeiro, por volta de 1872, na esteira do que diria o pai da antropologia criminal, Cesare Lombroso, como "degeneradas natas", gulosas, preguiçosas, excêntricas, irrecuperáveis para a Nação, signos da involução das espécies:

sub-raça. Seus pares insistiam na ausência de instinto sexual nas "mulheres castas", a não ser para fins reprodutivos. Juristas como Viveiros de Castro, ao lado dos médicos, enxergavam onanistas, pedófilos, homossexuais, tribades, perversos sexuais em quase todos os cantos da cidade, sobretudo nas ruas, bares, restaurantes, teatros e cafês-concertos do submundo. Especialmente importante foi a condenação da masturbação, masculina e feminina, vista como caminho certo para a loucura. Segundo o discurso médico do século 19:

"O onanismo reina como senhor entre a mocidade dos colégios e casas de educação. (...) Com a reclusão, a instigação diária e muitas vezes quase contínua da excitação vai, pouco a pouco, embotando as faculdades intelectuais, o seu desenvolvimento orgânico não continua; há mesmo parada do desenvolvimento geral do organismo, enquanto que o dos órgãos solicitados se faz com assustadora precocidade."¹⁸

Como procede, então, Paulo Prado para definir a identidade nacional dos brasileiros? Seu primeiro passo é nutrir-se do discurso médico vitoriano para organizar sua percepção da sociedade e construir uma representação da sexualidade dos habitantes do país, incorporando assim, ou então, reforçando seus próprios preconceitos. Todas as "verdades" do pensamento médico sobre a sexualidade são reproduzidas pelo historiador. Segundo passo: sobre esta base interpretativa, ele elabora sua leitura da identidade nacional, generalizando para todos os brasileiros/as uma forte dose de sensualidade, uma sexualidade latente, transbordante, irradiadora para todas as outras dimensões físicas e psíquicas. O terceiro movimento lhe escapa: é a reprodução e a apropriação destas teses por seus pares.

Assim, o discurso médico sobre o corpo e a sexualidade é apropriado como verdade científica, o que equivale dizer, aceito acriticamente pelos historiadores, servindo de fundamento para construírem a interpretação de uma "psique nacional" que, triste ou alegre, passa pela perversão, pelo predomínio do instinto sobre a razão, por tudo aquilo, portanto, que impossibilita a formação do indivíduo racional, cidadão apto a participar da esfera pública e administrar o bem público. Do olhar dos viajantes e inquisidores à historiografia, essas misóginas e fantasiosas representações sobre a "realidade brasileira" foram reproduzidas e repetidas indefinidamente, ensinando quem era e o que seria ser brasileiro.¹⁹

O resultado é a construção de um campo discursivo que, de ordem biológica, reforça a estigmatização do outro percebido como desvio, monstruosidade, diferença. Etnocêntrico e xenófobo, apreende o outro biologicamente como raça inferior; falocêntrico, institui o masculino como

lugar da verdade e da perfeição. Neste imaginário, por exemplo, as índias nuas - pura animalidade - desejam entregar-se aos homens brancos, pois vivem em estado de natureza e não de sociedade. No reino da natureza exuberante, só mesmo a sexualidade desvairada poderia ter espaço. O Brasil, então, não teria chances?

A Alegria Brasileira

Será preciso outro famoso autor, Gilberto Freyre, para devolver parcialmente aos brasileiros a alegria e notar como a vida sexual no Brasil é positiva, responsável, aliás, pela "democracia racial", apesar da propagação das doenças venéreas. O povo brasileiro se origina, nesta perspectiva, da miscigenação das três raças que, no Brasil especialmente, não tiveram maiores problemas para se fundirem, pois a atração sexual foi mais forte do que as exigências legais e racionais de união entre os diferentes. Daí uma cultura particular, marcada pela cordialidade, pela leveza, pelo instinto, pelo corporal e pela tolerância. As relações primárias em Freyre se caracterizariam pela intensa atividade sexual:

"O ambiente em que começou a vida brasileira foi de quase intoxicação sexual. O europeu saltava em terra escorregando em índia nua; os próprios padres da Companhia precisavam descer com cuidado, senão atolavam o pé em carne. Muitos clérigos, dos outros, deixaram-se contaminar pela devassidão. As mulheres eram as primeiras a se entregarem aos brancos, as mais ardentes indo esfregar-se nas pernas desses que supunham deuses. Davam-se ao europeu por um pente ou um caco de espelho." (p. 60)

A aproximação entre as diferentes raças, segundo ele, decorre de um forte impulso sexual, especialmente do europeu, pouco vaidoso de suas tradições culturais e incapaz de opor resistências à diferença étnica e ao furor uterino das índias:

"Foram sexualidades exaltadas as dos dois povos que primeiro se encontraram nesta parte da América: o português e a mulher indígena. Contra a idéia geral de que a lubricidade maior comunicou-a ao brasileiro o africano, parece-nos que foi precisamente este, dos três elementos que se juntaram para formar o Brasil, o mais fracamente sexual; e o mais libidinoso, o português." (p. 67)

Assim, inspirando-se em Paulo Prado, Freyre constrói sua argumentação a respeito das origens do povo brasileiro:

"Paulo Prado salienta que o "desregramento do conquistador europeu" veio encontrar-se em nossas praias com a "sensualidade do índio". Da índia, diria mais precisamente. Das tais caboclas "priápicas", doidas por homem branco." (p. 68)

"À vantagem da miscigenação correspondeu no Brasil a desvantagem tremenda da sifilização. Começaram juntas, uma a formar o brasileiro - o tipo ideal do homem moderno para os trópicos, europeu com sangue negro ou índio a avivar-lhe a energia; outra a deformá-lo. (...) De todas as influências sociais talvez a sífilis tenha sido, depois da má nutrição, a mais deformadora da plástica e a mais depauperadora da energia econômica do mestiço brasileiro. (...) Costuma dizer-se que a civilização e a sifilização andam juntas: o Brasil, entretanto, parece ter-se sifilizado antes de se haver civilizado." (p. 50)

"A escassez de mulheres brancas criou zonas de confraternização entre vencedores e vencidos, entre senhores e escravos. Sem deixar de ser relações - as dos brancos com as mulheres de cor - de "superiores" com "inferiores" e, no maior número de casos, de senhores desabusados e sádicos com escravas passivas, adoçaram-se, entretanto, com a necessidade experimentada por muitos colonos de constituírem família dentro dessas circunstâncias e sobre esta base. A miscigenação que largamente se praticou aqui corrigiu a distancia social que doutro modo se teria conservado enorme entre a casa grande e a mata tropical; entre a casa grande e a senzala."

É interessante observar que um intelectual competente como Freyre tenha trabalhado a documentação tão literalmente, encontrando aí a verdade mesma sobre a "índole do povo brasileiro", constituída a partir de toda uma tradição de licenciosidade, cujas raízes por sua vez teriam vindo das índias e caboclas "priápicas" e de portugueses aventureiros, "*garanhões desbragados*". Note-se, aliás, que o adjetivo "*priápico*", geralmente utilizado para referir-se à ereção do pênis, é aqui mobilizado para referir-se à mulher, numa tirada bastante misógina, diga-se de passagem. Assim, se inicialmente o autor se refere aos indígenas sem diferenciações de gênero, progressivamente seu discurso se desloca para focalizar especificamente as índias, as quais,

revelando uma sexualidade desenfreada, oferecem-se despudoradamente ao conquistador branco.

Quanto a este, a ausência de "*consciência de raça*" no "português cosmopolita e plástico" marca a formação social brasileira radicalmente. O português que chega é "*predispósito para a colonização híbrida e escravocrata*" pela influência africana em seu sangue um pouco mouro, e pelas marcas do ar quente e oleoso da África, que amolece as instituições. A "*moura encantada*", envolta em misticismo sexual, imagem deixada pelo contato com os sarracenos para os portugueses, teria sido, então, projetada nas índias que se banhavam nos rios, "gordas como as mouras" e menos ariscas:

"Por qualquer bugiganga ou caco de espelho estavam se entregando, de pernas abertas, aos 'caraíbas' gulosos de mulher." (p. 8)

Retomando Paulo Prado, afirma:

"Atraídos pelas possibilidades de uma vida livre, inteiramente solta, no meio de muita mulher nua, aqui se estabeleceram por gosto ou vontade própria, muitos europeus do tipo que Paulo Prado retrata em traços de um vivo realismo. Garanhões desbragados." (p. 21)

Edward Said, ao analisar a construção imaginária do Oriente pelos discursos produzidos etnocentricamente no mundo ocidental, expôs os perigos das transferências na representação de outras culturas e as relações de poder implícitas.²⁰ Aqui também, as fantasias eróticas dos europeus foram projetadas sobre as/os orientais, vistos como o seu outro sombrio e irracional. A figura sensual da mulher oriental, quente e voluptuosa, associada às danças exóticas, construída pela imaginação ocidental é revivida na metáfora da "*moura encantada*", utilizada por Freyre e identificada à indígena da nova terra.

Além disso, a sexualidade adquire ainda uma dimensão muito poderosa na interpretação histórica de Freyre, na medida em que é fator fundamental na determinação das relações que se estabelecem na esfera pública. Esta molda-se por modelos emprestados do mundo privado, onde as relações primárias são sobretudo marcadas pelo sado-masiquismo. Assim, o modelo de relação sexual sado-masiquista estabelecido entre senhor e escravas ou escravos transfere-se para a esfera pública, caracterizando as relações sociais.

"Mas esse sadismo de senhor e o correspondente masoquismo de escravo, excedendo a esfera da vida sexual de doméstica, tem-se feito sentir, através da nossa formação, em campo mais largo: social e político. Cremos surpreendê-los em nossa vida política, onde o mandonismo tem sempre encontrado vítimas em quem exercer-se com requintes às vezes sádicos; certas vezes deixando até nostalgias logo transformadas em cultos cívicos, como do chamado 'marechal de ferro'." (p. 54)

Ainda assim, e seguindo pois seu raciocínio, o patriarcado permitiu a estabilidade social, garantindo uma forma de coesão social que, de outro modo, estaria perdida:

"Em contraste com o nomadismo aventureiro dos bandeirantes, em sua maioria mestiços de brancos com índios, os senhores das casas-grandes representaram na formação brasileira, a tendência mais caracteristicamente portuguesa, isto é, pé-de-boi, no sentido da estabilidade patriarcal. Estabilidade apoiada no açúcar (engenho) e no negro (senzala)." (p. XX)

Casa grande e senzala x modernidade urbana

Sérgio Buarque, em *Raízes do Brasil*, embora não se refira à sexualidade como lugar de constituição e origem da personalidade do homem brasileiro, compromete-se parcialmente apenas com este imaginário sexual ao desenhar a figura de cordialidade essencial do brasileiro.²¹ A despeito da profundidade e da perspicácia de sua análise histórica sobre as dificuldades políticas para a construção da moderna esfera pública no Brasil, não deixa de ser curioso o peso dado à sexualidade para explicar a índole emotiva que caracteriza o "homem cordial". Embora este tenha ficado mais conhecido por uma suposta passividade e benevolência, é seguramente de outra maneira que aparece na construção original deste historiador profundamente moderno.

Herdeiro dos portugueses "personalistas" que para cá vieram, o "homem cordial" é o produto de uma pesada tradição marcada pelo personalismo, pelo ruralismo, pelo patriarcalismo e, sobretudo, por uma forma de colonização aleatória, onde importava muito mais atender aos caprichos pessoais do que a um planejamento racional. Afirma o historiador:

"É compreensível, assim, que jamais se tenha naturalizado entre gente hispânica a moderna religião do trabalho e o apreço à atividade utilitária. Uma digna ociosidade sempre pareceu mais

excelente, e até mais nobilitante, a um bom português, a um bom espanhol, do que a luta insana pelo pão de cada dia." (p. 10)

O "aventureiro" e o "semeador" predominaram sobre o "trabalhador" e o "ladrihador", responsáveis pela colonização espanhola, produzindo uma figura mais emotiva e instintiva do que racional, portanto, anti-moderna. A mentalidade da casa-grande invadiu as cidades e conquistou as profissões, diz ele, até as mais humildes; o culto da personalidade predominou sobre o fortalecimento dos laços de solidariedade, a ética da aventura sobre a do trabalho; as cidades cresceram à mercê do momentâneo dado o espírito livre e avesso a compromissos dos colonizadores; tudo contribuiu, enfim, para formar uma ética anti-moderna, uma sexualidade permissiva e, ao mesmo tempo, corrosiva. Nem mesmo orgulho da raça tiveram os portugueses, que se fundiram com os negros e os índios sem problema algum, sem impor nenhuma barreira étnica ou sexual. Os valores morais não se firmaram nunca entre nós. Cidadãos, só mesmo os grandes proprietários de terras no período colonial.

O *pater*, poder incontestado e ilimitado, o predomínio da família e da casa-grande sobre o Estado e a vida pública, a ditadura do campo sobre as cidades, a extensão do poder da esfera privada impediram a formação do conceito de cidadania no país.

"O quadro familiar torna-se, assim tão poderoso e exigente, que sua sombra persegue os indivíduos mesmo fora do recinto doméstico. A entidade privada precede sempre, neles, a entidade pública. A nostalgia dessa organização compacta, única e intransferível, onde prevalecem necessariamente as preferências fundamentadas em laços afetivos, não podia deixar de marcar nossa sociedade, nossa vida pública, todas as nossas atividades." (p. 50)

Sérgio Buarque chama a atenção para as dificuldades de se mudar a mentalidade criada num meio patriarcal "*tão oposto às exigências de homens livres e de inclinação cada vez mais igualitária*", e para os problemas decorrentes da enorme importância que a estrutura familiar patriarcal obteve em relação ao mundo público: "*as relações que se criam na vida doméstica sempre forneceram o modelo obrigatório de qualquer composição social entre nós.*" (p. 104) Daí firmar-se a "cordialidade brasileira", uma psique emotiva, o sentimento de que tudo nos é familiar, o desejo de estabelecer intimidade em todos os domínios do relacionamento, o maior obstáculo para que o país se torne moderno.

Richard Sennett pode-nos ser bastante útil para discutir a problemática da incapacidade estrutural de formação da esfera pública no Brasil.²² No primeiro mundo, diz ele, o desejo de intimidade se sobrepôs à consciência pública, ou melhor, à crença na coisa pública, ao longo de um longo processo iniciado no século 19. O medo diante do aparecimento das multidões desordenadas das grandes cidades e das inúmeras formas da violência urbana levou à busca de refúgio no interior de cada um, dissolvendo toda possibilidade de constituição de redes de solidariedade. O privado foi, nesse contexto, representado como ninho, espaço do aconchego e do calor entre as pessoas, em oposição ao público, percebido como lugar da concorrência fria e da guerra.

No Brasil, o predomínio do privado se deu de outra forma, mas também dificultou a formação do público. O poder dos fazendeiros em suas grandes propriedades, a confusão da família com o Estado, o não-reconhecimento dos interesses públicos, a repressão dos movimentos sociais que pressionaram pelo reconhecimento dos direitos específicos levaram à cristalização da lógica da casa-grande-e-senzala, reproduzida nos microcosmos das instituições públicas ou privadas. O espaço público foi instituído como "quintal de minha casa" pelos dirigentes, chefes, governantes, caracterizando-se pelas relações clientelísticas que permeiam inclusive as formas de sociabilidade nas favelas e nos meios populares.²³ Além do mais, a vida íntima do brasileiro, liberal e permissiva, afirma o autor, não se torna *"bastante coesa para envolver e dominar toda a sua personalidade, integrando-a como peça consciente, no conjunto social. Ele é livre, pois, para se abandonar a todo o repertório de idéias, gestos e formas que encontre em seu caminho, assimilando-os frequentemente sem maiores dificuldades."* (p. 112)

Se Sérgio Buarque não fundamenta sua construção do caráter brasileiro no campo da sexualidade, a exemplo de Paulo Prado e Gilberto Freyre, que aliás cita e admira, participa de certa forma deste imaginário em busca da identidade nacional nos anos trinta, ao enfatizar como principal traço da brasilidade o predomínio do emocional e do instintivo sobre o racional. Afinal, o "homem cordial" é um homem do coração, dos sentimentos e afetos, à flor da pele, em conformidade com a imagem do brasileiro/a difundida nos Estados Unidos.

"Seria engano supor que essas virtudes (a lhanza no trato, a hospitalidade, a generosidade) possam significar 'boas maneiras', civildade. São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante." (p. 107)

Também aqui os brasileiros são associados às imagens corporais, à imediatez na organização de suas vidas, mais ao estilo "casa grande e senzala" do que como figuras modernas. A herança rural pesa fortemente impedindo a emergência de novos valores culturais. Por isso mesmo, não conseguem realizar a esfera pública no Brasil, desenvolver laços efetivos de solidariedade e construir uma sociedade justa e democrática. A figura do "homem cordial", essência do caráter brasileiro, impede a modernização, é um enorme obstáculo ao desenvolvimento nacional. Nas palavras do historiador:

"A democracia no Brasil foi sempre um lamentável mal-entendido. Uma aristocracia rural e semifeudal importou-a e tratou de acomodá-la, onde fosse possível, aos seus direitos ou privilégios, os mesmos privilégios que tinham sido, no Velho Mundo, o alvo da luta da burguesia contra os aristocratas." (p. 119)

Valeria, ainda, examinar como o "homem cordial" foi apropriado em nossa cultura e indagar por que passou para a história como uma figura simpática, contemporizadora e "boazinha", ao contrário do que queria, aliás, insistia o autor, ao argumentar contra Cassiano Ricardo. Valeria observar que o tipo de apropriação sofrida destituiu-o de tudo aquilo que constitui o ponto forte da análise crítica de Sérgio Buarque. Nesse sentido, a figura do "homem cordial" foi esvaziada do conteúdo profundamente contestador, sendo aprisionado pela lógica da própria casa-grande-e-senzala que denunciava. Gilberto Freyre, por exemplo, encontrou-o no mulato sorridente, que ascende social e etnicamente: o "riso abundante" que lhe é característico, não advém da raça, mas de um desenvolvimento ou especialização social, em função das condições de ascensão social que pode desfrutar na vida livre, "e não apenas nas senzalas e nos haréns dos engenhos (...)".²⁴ Segundo o sociólogo, o mulato procurou vencer o branco, agradando o "povo", os clientes, sorrindo. Seu riso foi um instrumento de ascensão racial - na passagem de uma raça para outra, quanto na de uma classe para outra, o que se explicaria pela ação do meio cultural sobre o indivíduo. Finalmente, ele é identificado ao "homem cordial" por ser "criador de intimidade", o que revelaria seu firme propósito de encurtar a distância em relação aos brancos. "*No uso brasileiro do diminutivo, uso um tanto dengoso, ninguém excede ao mulato.*"

O sentido sexual da colonização

Já Caio Prado Jr, em *Formação do Brasil Contemporâneo*, de 1942, inaugura a tendência marxista de interpretação histórica, apontando para a infra-estrutura econômica como o lugar de inteligibilidade da História. O

historiador inicia o livro com o capítulo sobre o "Povoamento", em que focaliza a constituição sexual da população, já que a relação sexual permite a miscigenação das raças e o surgimento da população. Ela é, pois, condição de possibilidade de todas as demais dimensões da vida em sociedade, isto é, das relações produtivas abordadas nos capítulos denominados "Vida Material" e da "Vida Social". Nesse sentido, a sexualidade está na base da economia e da sociedade, já que é da fusão sexual produzida pela mistura das raças que nasce o povo brasileiro.

Caio Prado reproduz as teses conservadoras e moralistas de Paulo Prado, seu tio, e de Gilberto Freyre, assumindo uma leitura evolucionista da formação histórica brasileira, considerada hoje bastante controversa e ingênua.

"A licença dos costumes, que sempre foi a norma do Brasil-colônia, (...) teve ao menos esta contribuição positiva para a formação da nacionalidade brasileira: é graças a ela que foi possível amalgamar e unificar raças tão profundamente diversas, tanto nos seus caracteres étnicos como na posição relativa que ocupavam na organização social da Colônia." (p. 93)

Não é, pois, por acaso que o historiador reproduza literalmente as teses do sociólogo pernambucano, no capítulo intitulado "Raças". Aí, o marxismo dá lugar a outro tipo de análise, de cunho fortemente positivista e darwinista em que, ao contrário do autor que reproduz, trata das superestruturas, consideradas secundárias pois determinadas. Destaco este capítulo, em que Caio explica que o "cruzamento das raças" foi o que mais contribuiu para a absorção do indígena, o que se deu não por providência oficial, mas pelo "*impulso fisiológico dos indivíduos de uma raça de instinto sexual tão aguçado como a portuguesa.*" (p. 98) Aliás, a mestiçagem,

"signo sob o qual se forma a nação brasileira, e que constitui seu traço característico mais profundo e notável, foi a verdadeira solução encontrada pela colonização portuguesa para o problema indígena."

Vale, nesse sentido, acompanhar suas próprias palavras mais detidamente:

"A mestiçagem brasileira é antes de tudo uma resultante do problema sexual da raça dominante, e por centro o colono branco. Neste cenário em que três raças, uma dominadora e duas dominadas estão em contato, tudo naturalmente se dispõe

ao sabor da primeira, no terreno econômico e social, e em consequência, no das relações sexuais também." (p. 110) O branco "dirige assim a seleção sexual no sentido do branqueamento."

A mestiçagem decorre, pois, de uma qualidade excepcional do português em se cruzar com outras raças. Novamente parafraseando Freyre, o historiador explica que isso se deve grande parte à forma da emigração dos portugueses, que vieram sós. "*A falta de mulheres brancas sempre foi um problema de toda colonização européia em territórios ultramarinos, (...).*" (p. 103) Logo, o colono foi forçado a procurar aí a satisfação natural de suas necessidades sexuais, para o que não enfrentou grandes dificuldades.

"Aliás, particularmente, no caso da Índia, é notória a facilidade com que se entregava, e a indiferença e passividade com que se submetia ao ato sexual. A impetuosidade característica do português e a ausência total de freios morais completam o quadro: as uniões mistas se tornaram a regra." (p. 104)

É interessante observar que a despeito de toda a concepção de História fundada no materialismo histórico e dialético, utilizada para construir sua interpretação da "realidade nacional", o autor incorpore as análises e os preconceitos difundidos pela documentação em que se apóia, seja a que elaboram viajantes e colonizadores, seja a que divulgam os historiadores e cientistas sociais de sua época. E talvez mais interessante ainda seja notar como a própria estruturação do livro acaba por colocar a sexualidade, considerada em uma acepção mais abrangente, no fundamento mesmo de constituição da vida em sociedade, aspecto que o próprio autor chega a comentar, quando diz:

"Toda sociedade organizada se funda principalmente na regulamentação, não importa a complexidade posterior que dela resultará, dos dois instintos primários do homem: o econômico e o sexual." (p. 345)

Novamente, a sexualidade é referida como centro de explicação da organização social e como lugar privilegiado da leitura que se produz a respeito do passado e da cultura brasileira.

Concluindo

Está claro que os/as brasileiros/as se percebem, em grande parte, através da sexualidade, mas também está clara a dificuldade que as ciências sociais tiveram em trabalhar a questão, reconhecendo pelo menos a centralidade que esta assume no discurso científico. O privilégio do discurso racional sobre outras formas de conhecimento, a dicotomia teoria/prática, o foco exclusivo nas questões estritamente políticas e econômicas, menos do que as culturais levaram a que esta discussão ficasse obscurecida.

Mais recentemente, as pressões do feminismo, dos movimentos homossexuais e negro forçam a incorporação de novos olhares e de novos temas. Opera-se como que uma invasão do feminino na cultura: o dionisiaco, o instintivo, o sagrado, o sexual, o corpo passam a ser objeto de discussão, aceitos como importantes dimensões constitutivas das práticas sociais e das formas de conhecimento. Retomamos as problemáticas e os ensinamentos dos historiadores da Escola dos Annales, preocupados com as "mentalités", com diferentes temporalidades e com novos instrumentais conceituais. Mudamos os temas e os procedimentos de análise, questionando os campos epistemológicos tradicionais e os instrumentos fornecidos.

É nesse sentido que a questão do lugar central da sexualidade na construção da identidade nacional e na interpretação da história brasileira pode ser enunciada, forçando uma releitura da historiografia. Produzida num momento de profunda modernização do país, de crescimento urbano-industrial e de fortalecimento do Estado, esta teve um impacto bastante forte sobre a construção do passado, transformada em memória oficial e transmitida sucessivamente de geração a geração. Inegavelmente, as formas de produção desta História conformaram a imaginação social, definindo uma identidade nacional muito negativa, pesada herança que os brasileiros acabam por carregar. Por isso mesmo, é importante que sejam desconstruídas, refeitas ou abandonadas.

Uma outra questão, ainda, parece-me inevitável no confronto com a tradição historiográfica brasileira. É de se perguntar para quem olhavam os autores consagrados dos anos vinte/trinta, de que "povo" falavam? Se se focalizar a cultura operária do período, as greves e manifestações que pipocaram entre os anos dez e vinte, nos centros que se industrializavam no país levam a questionar radicalmente as imagens negativas construídas sobre os imigrantes estrangeiros e os trabalhadores nacionais, muitos dos quais escravos, que como sabemos hoje eram explorados ilimitadamente nas inúmeras fábricas e espaços da produção. Eí de se perguntar de onde vinha a indolência a que aqueles autores se referiam? De quem falavam eles que não liam Maria Lacerda de Moura, nem Pagu? O que dizer, ainda, da exploração

do trabalho infantil tão denunciada na imprensa anarquista e socialista do período, absolutamente ausente de seus discursos?

Para finalizar, creio que se há algum sentido em render homenagem aos "inventores do Brasil", certamente é fundamental considerar que continuam silenciadas as vozes alternativas que, no mesmo período, se recusaram a aceitar as imagens negativas projetadas em espelhos misóginos. E mais, é de se perguntar por que os brasileiros continuam a reafirmar traços estigmatizadores que não os levam a uma auto-construção pessoal e social positiva e mais saudável?

BIBLIOGRAFIA

- Albuquerque, Durval de *A Invenção do Nordeste*. São Paulo, Cortez, 1999.
- Almeida, Angela Mendes de *O Gosto do Pecado. Casamento e Sexualidade nos manuais de confesores dos séculos XVI e XVII*. Rio de Janeiro, Rocco, 1992.
- Bellini, Lígia *A Coisa Obscura. Mulher, sodomia e Inquisição no Brasil Colonial*. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- Beriel, Carlos Eduardo Ornelas *Tietê, Tejo, Sena: A obra de Paulo Prado*. Campinas, Papirus, 2000.
- Costa, Jurandir Freire *Ordem Médica e Norma Familiar*. Rio de Janeiro, Graal, 1979.
- Foucault, Michel - *História da Sexualidade*. vol. 1 *A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro, Graal, 1979.
- Freyre, Gilberto - *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro, Schmidt Editor, 1936, 2a. edição; *Sobrados e Mucambos*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio, t. 2.
- Gay, Robert *Popular Organization and Democracy in Rio de Janeiro: a tale of two favelas*. Philadelphia, Temple University Press, 1994.
- Herschmann, Micael e Pereira, Carlos Alberto Messeder - *A Invenção do Brasil Moderno. Medicina, educação e engenharia nos anos 20-30*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994.
- Holanda, Sérgio Buarque de - *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1994, 26ª ed; ——— *Visão do Paraíso*. São Paulo, Brasiliense, 1994, 6ª ed.
- Ortiz, Renato - *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- Parker, Richard - *Corpos, Prazeres e Paixões*. Rio de Janeiro, Editora Best-Seller, 1993.
- Prado, Paulo - *Retrato do Brasil. Ensaio sobre a Tristeza Brasileira*. São Paulo, 1929, IIIa. Edição, So. milherio.
- Prado Junior, Caio *Evolução Política do Brasil*. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1933.
- *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1942.
- Raminelli, Ronald - *Imagens da Colonização. A representação do índio de Caminha a Vieira*. Rio de Janeiro, Zahar, 1996.
- Rago, Margareth *Os Prazeres da Noite. Prostituição e Códigos da Sexualidade Feminina em São Paulo (1890-1930)*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.
- Said, Edward *Orientalismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
- Sennett, Richard - *O Declínio do Homem Público*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- Skidmore, Thomas - *Preto no Branco. Raça e Nacionalidade no Pensamento Brasileiro*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.
- Souza, Octávio de - *Fantasia de Brasil. As identificações na busca da identidade nacional*. São Paulo, Editora Escuta, 1994.
- Vainfas, Ronaldo - *Trópico dos Pecados. Moral, Sexualidade e Inquisição no Brasil*. Rio de Janeiro, Campus, 1989.

NOTAS

1. A bibliografia sobre o tema é grande. Destaco: Carlos Guilherme Mota IDEOLOGIA DA CULTURA BRASILEIRA (1933-1974). São Paulo, Editora Ática, 1977; Thomas E. Skidmore PRETO NO BRANCO. RAÇA E NACIONALIDADE NO PENSAMENTO BRASILEIRO. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1ª ed. 1976; 2ª ed. 1989; Micael M. Herschmann e Carlos Alberto Messeder Pereira (orgs.) - A INVENÇÃO DO BRASIL MODERNO. Medicina, Educação e Engenharia nos anos 20-30. Rio de Janeiro, Rocco, 1994; Sergio Miceli (org.) HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS NO BRASIL/ vol. 1, São Paulo, Vértice, Idesp, 1989.
2. Expressão de Benedict Anderson - IMAGINED COMMUNITIES. Chapel Hill, 1982.
3. Eric Hobsbawm - NAÇÕES E NACIONALISMO desde 1870. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.
4. Pierre Nora (org.) LES LIEUX DE LA MÉMOIRE. Paris, Gallimard, 1994.
5. Paulo Prado - RETRATO DO BRASIL. Ensaio sobre a Tristeza Brasileira. S. Paulo, s/ed. , 1929, 3ª ed. ; Gilberto Freyre - CASA GRANDE E SENZALA. Rio de Janeiro, Schmidt Editor, 1936, 2ª ed. ; Sérgio Buarque de Hollanda - RAÍZES DO BRASIL. Rio de Janeiro, José Olympio, 1994, 2ª ed. ; Caio Prado Jr EVOLUÇÃO POLÍTICA DO BRASIL. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1933.
6. Sobre as escritoras brasileiras das primeiras décadas do século, destaco o belo estudo de Norma Telles ENCANTAÇÕES LITERÁRIAS, no prelo; Margareth Rago - "A subjetividade feminina entre o desejo e a norma: moral sexual e cultura literária feminina no Brasil, 1900-1932", REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA, ANPUH, Marco Zero, no. 28, 1995.
7. Richard Parker - CORPOS, PRAZERES E PAIXÕES. Cultura Sexual no Brasil Contemporâneo. Rio de Janeiro, Editora Bestseller, 1993.
8. S. B. de Holanda, op. cit. p. 82.
9. idem, p. 3.
10. Ronaldo Vainfas TRÓPICO DO PECADO. Rio de Janeiro, Campus, 1989, p. 65. Veja-se, ainda, Angela Mendes de Almeida O GOSTO DO PECADO. Casamento e Sexualidade nos manuais de confesores dos séculos VI e XVII. Rio de Janeiro, Rocco, 1992.
11. Richard Parker, op. cit. , p. 22.
12. Uma análise instigante da obra de Paulo Prado, recentemente publicada, é o livro de Carlos Eduardo Ornelas Beriel TIETÉ, TEJO, SENA: A obra de Paulo Prado. Campinas, Papirus, 2000.
13. Mário de Andrade - MACUNAÍMA. O herói sem nenhum caráter. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1981, 18ª ed.
14. Thomas Abraham - FOUCAULT Y LA ÉTICA. Buenos Aires, Editorial Biblos, 1988, p. 175.
15. Veja-se, por exemplo, o trabalho de Ronald Raminelli IMAGENS DA COLONIZAÇÃO. A representação do índio de Caminha a Vieira. Rio de Janeiro, Zahar, 1996; Ronaldo Vainfas, op. cit.; Ligia Bellini A COISA OBSCURA. Mulher, sodomia e Inquisição no Brasil Colonial. São Paulo, Brasiliense, 1987.
16. M. Foucault - HISTÓRIA DA SEXUALIDADE. vol. 1 A Vontade de Saber. Rio de Janeiro, Graal, 1979.
17. Veja-se Margareth Rago OS PRAZERES DA NOITE. Prostituição e Códigos da Sexualidade Feminina em S. Paulo (1890-1930). Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.
18. C. R. Vasconcellos Higiene Escolar, suas aplicações à cidade do Rio de Janeiro, tese de doutoramento, 1888. In: Jurandir Freire Costa ORDEM MÉDICA E NORMA FAMILIAR. Rio de Janeiro, Editora Graal, p. 191.

19. Veja-se Tania Navarro Swain - "Feminino/Masculino no Brasil do Século XVI: Um Estudo Historiográfico", 1996, mimeo.
20. Edward Said ORIENTALISMO. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
21. Veja-se, ainda, VISÃO DO PARAÍSO, de 1958, (São Paulo, Brasiliense, 1994, 6ª ed.) em que Sérgio Buarque opera com a construção da identidade nacional a partir da sexualidade forte e primitiva. Afinal, mostra que para cá vieram os portugueses buscando a "cópia do Eden", o Paraíso perdido, ao contrário dos calvinistas da Nova Inglaterra, que buscavam no Eden "abrigo" para sua própria igreja perseguida. No Paraíso, onde o homem era livre, onde as regras inexistiam, a vegetação era abundante, dádiva da Natureza, o pecado não tinha lugar. Aqui também aparecem as imagens das índias nuas se oferecendo aos portugueses, dos índios avessos ao trabalho, das práticas de incesto e licenciosidade ilimitada no Inferno Atlântico.
22. Richard Sennett - O DECLÍNIO DO HOMEM PÚBLICO. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
23. Veja-se Robert Gay - POPULAR ORGANIZATION AND DEMOCRACY IN RIO DE JANEIRO: A TALE OF TWO FAVELAS. Philadelphia, Temple University Press, 1994.
24. Gilberto Freyre SOBRADOS E MUCAMBOS. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio, t. 2, 3ª ed., p. 644.